

**CONSTRUÇÕES REFLEXIVAS
NA HISTÓRIA DO LATIM: UMA REVISÃO**

Luiz Henrique Queriquelli (UFSC)
luizqueriquelli@yahoo.com.br

RESUMO

Considerando a importância que construções reflexivas assumiram nas línguas românicas e, em particular, no português, esta pesquisa propõe investigar seus desenvolvimentos prévios em latim. Para isso, toma como ponto de partida o pressuposto de que, já no período clássico, havia uma tendência de substituir o uso medial da passiva sintética pelo reflexivo medial. Com base em revisão bibliográfica e reexame de dados levantados principalmente por Adams (2013), Cennamo (1998) e Kemmer (1993), os resultados indicam que: não se pode afirmar existência daquela tendência, senão que as duas possibilidades eram antigas na língua e a primeira era a norma geral; é possível afirmar, contudo, que a baixa frequência da passiva sintética e a restrição de seu uso a um registro culto podem ter contribuído para sua extinção; existiam três funções distintas do reflexivo em latim (medial, anticausativo e passivo); não há base empírica para afirmar que o sentido da evolução foi *se* medial > anticausativo > passivo, embora isso seja plausível em termos lógicos; os contextos semânticos tipicamente favoráveis ao reflexivo medial identificados por Kemmer (1993, p. 19) parecem se aplicar ao latim, em especial a categoria de “eventos espontâneos”, na qual se encaixa um uso muito frequente no período clássico: a personificação de coisas.

Palavras-chave:

Voz média. Voz passiva. Construções reflexivas.

ABSTRACT

Considering the importance that reflexive constructions have assumed in Romance languages and, in particular, in Portuguese, this research proposes to investigate their previous developments in Latin. To do this, it takes as a starting point the assumption that, already in the classical period, there was a trend to replace the medial use of the synthetic passive with the medial reflexive. Based on a bibliographical review and re-examination of data collected mainly by Adams (2013), Cennamo (1998) and Kemmer (1993), the results indicate that: it is not possible to affirm the existence of that trend, but rather that the two possibilities were old in the language and the first was the general norm; it is possible to state, however, that the low frequency of the synthetic passive and the restriction of its use to a cultured register may have contributed to its extinction; there were three distinct functions of the reflexive in Latin (medial, anticausative and passive); there is no empirical basis to assert that the direction of evolution was medial > anticausative > passive, although this is plausible in logical terms; the semantic contexts typically favorable to the medial reflexive identified by Kemmer (1993, p. 19) seem to apply to Latin, especially the category of “spontaneous events”, which includes a very frequent use in the classical period: the personification of things.

Keywords:

Medium voice. Passive voice. Reflective constructions.

1. Introdução

O clítico *se* é uma forma que atravessa a cronologia das línguas portuguesa e latina, e é protagonista de alguns casos paradigmáticos de mudança linguística que envolvem os planos sintático e semântico, numa contínua flutuação dos papéis temáticos. Sintetizando algumas das principais etapas dessa história, cabe lembrar que o que hoje se convencionou chamar de “*se* indeterminador” (e.g. “aluga-se casas”) surgiu de uma ambiguidade do “*se* apassivador” (e.g. “alugam-se casas”), o qual teria surgido já no protorromance, derivado do “*se* medial” (ou reflexivo); este, por sua vez, teria nascido ocupando o uso medial da extinta passiva sintética latina¹¹ (as formas com -r, como *delectatur* vs. *se delectat*) (AUTOR, 2019, p. 159-66).

Esta última etapa – isto é, o desaparecimento do médio-passivo em favor do reflexivo – é uma mudança frequentemente apenas presumida, sobre a qual há evidências esparsas e muitas referências indiretas. Uma dessas referências indiretas mais interessantes aparece num estudo de Alfonso Traina sobre a invenção de verbos reflexivos feita por Sêneca em sua obra filosófica, invenção a qual ele chama de “linguagem da interioridade”. Traina (1974) remete a isso nos seguintes termos:

O uso do reflexivo, tanto direto quanto indireto, talvez seja o meio sintático senecano mais frequente pelo qual se expressa esse contínuo curvar-se do sujeito sobre si mesmo. O quadro linguístico, dentro do qual isso opera, é a tendência do latim de substituir o médio-passivo, *ornari*, pelo reflexivo, *se ornare*. Mas a oposição entre as duas diáteses ainda é clara e sensível: diante da mecânica e passividade da voz média, cuja ação é mais sofrida do que desejada pelo sujeito – e se recorde sobretudo o doloroso e espantado *nescio, sed fieri sentio, et excrucior* de Catulo (85, 2) – o reflexivo afirma a consciência e a responsabilidade do agente que se toma como objeto da própria ação. Sêneca explora essa possibilidade do sistema linguístico expandindo o uso do reflexivo em uma gama de *iuncturae* sem precedentes no latim. (TRAINA, 1974, p. 14)

Traina levanta uma série de verbos agenciados por Sêneca para se referir a diferentes nuances de como o indivíduo pode interferir ativamente em sua própria consciência. Alguns desses verbos já eram usados de maneira reflexiva em sentidos concretos, outros, nem mesmo em sentidos concretos; entretanto, Sêneca os habilita a serem usados num contexto filosófico, para expressar os diferentes modos pelos quais alguém pode

¹¹ A passiva sintética propriamente dita deu lugar à forma perifrástica com o verbo *sum* (e.g. *amatus fuit*) por conta de ambiguidades estruturais. Como ela pouco a pouco caiu em desuso, dando lugar à alternativa perifrástica, seu uso medial também se extinguiu aos poucos, dando lugar à forma reflexiva.

intervir sobre si mesmo, sobre seus hábitos, sobre sua consciência. Entre eles, há reflexivos diretos: *uindicare se* (reivindicar-se), *effugere se* (evadir-se), *deprehendere se* (apanhar-se), *excutere se* (sacudir-se, para fins de escrutínio); reflexivos indiretos: *secum morari* (habitar consigo mesmo); *sibi adquiescere* (aquietar-se em si mesmo); *in se recondi* (recolher-se em si mesmo); *secum essere* (estar consigo mesmo); *sibi relinqui* (abandonar-se em si mesmo); *sibi inniti* (apoiar-se em si mesmo); *sibi propitiare* (favorecer a si mesmo); *sibi clamare* (clamar a si mesmo); duplos reflexivos: *se sibi propitiare* (favorecer-se a si mesmo), *se sibi praesse* (auxiliar-se a si mesmo), *se sibi conuenire* (reunir-se consigo mesmo), *cum sibi ex se nasci* (nascer de si e consigo mesmo), *ex se sibi inuenire* (encontrar-se a partir de si); e reflexivos estáticos: *in se reuocare* (chamar-se de volta para si), *sibi confidere* (confiar em si mesmo), *se gaudere* (alegrar-se), *sibi adplicare* (conectar-se consigo mesmo), *in se colligi* (recolher-se em si), *in se conuerti* (voltar-se para si), *in se reuerti* (voltar-se para si), *in se recondi* (recolher-se em si), *ad se recurrere* (recorrer a si), *in se recedere* (retirar-se para si).

Todos esses empregos idiossincráticos de Sêneca não entraram para o uso comum da língua, mas supostamente refletiram em outros filósofos ao longo dos tempos: segundo Traina, a linguagem da interioridade senecana reverbera em Marco Aurélio (séc. II), Agostinho (séc. IV), Gregório Magno (séc. V), Montaigne (séc. XVI), Giovanni Pascoli (séc. XIX). Entre estes, o filósofo de Hipona seria o principal responsável por consolidar e difundir essa inovação linguística de Sêneca: “a linguagem da interioridade, que é talvez a maior contribuição de Sêneca à terminologia filosófica do Ocidente, flui sobretudo através de Agostinho para a experiência cristã” (TRAINA, 1974, p. 22-3).

O caso de Sêneca é interessante porque, se ele pôde explorar exhaustivamente essa tendência na linguagem filosófica, tendemos a supor que o fenômeno já estava amplamente disseminado no vernáculo. Nesse sentido, nosso interesse neste trabalho é nos determos sobre o pressuposto de Traina (1974, p. 14) segundo o qual “O quadro linguístico, dentro do qual isso opera, é a tendência do latim de substituir o médio-passivo (...) pelo reflexivo”. Isto é, pretendemos vislumbrar esse “quadro linguístico”, a fim de entender, a partir de exemplos concretos, o que estava acontecendo na língua latina naquele momento. Queremos, portanto, recuperar a etapa inicial daquele longo processo que dará ensejo aos outros usos e sentidos do clítico *se* e suas formas análogas.

Esperamos reconhecer padrões que tenham favorecido o uso de reflexivos e, conseqüentemente, o desaparecimento de formas passivas, a fim de não só melhor compreender essa mudança na história do latim, mas também a fim de iluminar a compreensão de fenômenos análogos no português brasileiro e, se possível, aventar subsídios para previsões de mudança. Para tanto, procederemos a revisão bibliográfica e reexame de dados levantados principalmente por Adams (2013), Cennamo (1998) e Kemmer (1993), extraídos de fontes literárias e não literárias, relativas aos períodos arcaico, clássico e tardio da língua latina.

2. O quadro linguístico favorável ao reflexivo

Um primeiro elemento importante a ser destacado na tentativa de compor o quadro linguístico que aqui nos interessa é a baixíssima frequência da passiva sintética em textos não literários do fim da República e começo do Império. Como observa Adams (2013), a raridade das formas passivas flexionadas em textos não literários compõe um pano de fundo para seu eventual desaparecimento. Ele oferece evidências dessa raridade:

Por exemplo, nas cartas do [soldado] Terentiano e em uma amostra de cartas de Vindolanda, a ativa supera em muito a passiva, e, das formas passivas, poucas são sintéticas, em oposição às perifrásticas, isto é, formadas com o auxiliar *esse*. Nas cartas, as formas ativas superam as passivas em 127:8, e das oito passivas apenas três são sintéticas. No arquivo de Cerialis, nas placas de Vindolanda, há setenta e três formas ativas e seis passivas, das quais três são sintéticas. O aprendiz grego de latim que tentou traduzir duas fábulas de Babrius para o latim (*P. Amh.* II.26) era capaz de acertar formas verbais ativas finitas, mas, fora isso, estava perdido no sistema verbal. De suas vinte e oito formas verbais corretas, apenas uma é passiva. Nos ostracos de Bu Njem há noventa e cinco formas ativas e seis passivas (deixando de lado os participios sem auxiliar), quatro delas sintéticas e duas perifrásticas. (ADAMS, 2013, p. 674)

Ou seja, aparentemente a passiva sintética já estava em declínio no latim vernacular do primeiro século, e isso pode ter exercido alguma influência sobre o latim literário. Além disso, outro fato relevante é que, possivelmente, esse declínio já vinha acontecendo desde muito antes do primeiro século. Ernout (1908), por exemplo, tendo em vista obras de apelo coloquial, não encontrou mais que duas ocorrências da chamada passiva completa (quando o agente está expresso) nas peças de Plauto (séc. III a.C.) e, em *De agricultura* de Catão (séc. III a.C.), não encontrou nenhuma sequer. Siewierska (1984, p. 3), a propósito, mostra que a passiva, ainda em latim, tornou-se marca de registro culto, algo que foi herdado

pelas línguas românicas: em todas as línguas românicas e na maioria das línguas, a passiva aparece como uma construção “planejada”, não produzida espontaneamente.

Contudo, a despeito do que muitos parecem acreditar, Adams (2013, p. 717-18), analisando larga base empírica de textos do latim arcaico, clássico e tardio, tanto de caráter literário quanto de apelo coloquial, afirma que a norma latina para a voz média ainda era a passiva sintética. Em suas palavras:

[...] a passiva sintética é a norma em todos os textos aqui considerados. [...] Não há motivos para sugerir que o reflexivo, conforme ilustrado aqui (ou seja, o uso medial ou anticausativo; o uso passivo pode ter sido diferente) pertencia a variedades sociais inferiores da língua, ou que aumentou no latim tardio existente. As construções românicas, mediais ou passivas, foram o resultado do uso do latim em geral, não do uso do latim localizado exclusivamente abaixo da escala social. O reflexivo era uma construção antiga convivendo com a forma sintética (em -r), determinada por fatores difíceis de deslindar. (ADAMS, 2013, p. 717-18)

Portanto, sabemos de antemão que, embora houvesse uma tendência ao desaparecimento da passiva sintética em textos não literários, esta forma se manteve como a norma para expressão da voz média até o século IV pelo menos, relegando a construções reflexivas um papel menor. Tentaremos aqui entender, portanto, que contextos propiciavam o uso de construções reflexivas.

2.1. Reflexivo medial, anticausativo e passivo

Antes de prosseguir, cabe caracterizar brevemente a voz passiva e a voz média. Siewierska (1984, p. 2) afirma que, de acordo com a definição mais amplamente aceita, “construções passivas têm as seguintes características: (a) o sujeito da cláusula passiva é um objeto direto da cláusula ativa correspondente; (b) o sujeito da cláusula ativa é expresso na passiva na forma de um adjunto agentivo ou não é expresso; (c) o verbo está marcado como passivo.” A maioria das passivas em latim não tem um agente expresso, e é frequente que o agente ou a causa não possam ser recuperados do contexto.

A voz média não é tão fácil de caracterizar. Kemmer (1993, p. 238), a partir de critérios semânticos, define a voz média da seguinte maneira:

Embora sem limites precisos, a área da semântica medial pode ser delimitada com referência a duas propriedades semânticas. Essas duas propriedades, que são características de todo sistema medial onde há um

marcador medial funcional, são (i) o iniciador como entidade afetada (ponto final) e (ii) o baixo grau de elaboração de eventos. A primeira propriedade [...] é subsumida pela segunda, uma vez que a equiparação de iniciador e ponto final efetivamente faz com que um evento seja menos elaborado do que um evento totalmente transitivo, no qual as duas entidades são completamente distintas. (KEMMER, 1993, p. 238)

A autora analisa diversas línguas com marcadores de voz média e identifica alguns padrões. As classes de verbos que apresentam marcação medial são aquelas que expressam movimento não translacional, cuidados com o corpo e higiene, mudança na postura corporal, movimento translacional, emoção, atos de fala emotivos, outros atos de fala, cognição e “eventos espontâneos”, classe que inclui verbos de crescer, apodrecer, secar, desmoronar, evaporar e afins (KEMMER, 1993, p. 19).

Como observa Adams (2013, p. 678), em latim, os verbos pertencentes a essas classes podem receber marcação de voz média de duas maneiras principais, seja por flexões passivas (*uertor*) ou pela construção reflexiva (*me uerto*). Um típico reflexivo medial está em *Mulomedicina Chironis* (Medicina para Mulas, de Quirão):

(1) *donec cicatrix oculo se confirmet* (*Mul. Chir.* 76) ‘até que uma cicatriz se forme no olho’.

Várias características desta frase podem ser observadas. O sujeito do verbo é a ‘entidade afetada’. O evento é espontâneo, sem nenhum agente óbvio sequer dedutível do contexto: a formação da crosta é algo que ocorre naturalmente. O sujeito é inanimado, ou talvez impessoal (considerando que a cicatriz tenha um grau de vitalidade). Há uma mudança de estado corporal, que é frequente em tais construções. Finalmente, a construção reflexiva é substituível por uma ‘passiva’, ou seja, um meio sintético (*confirmetur*). Segundo Cennamo (1998, p. 83-7), as duas construções nem sempre são equivalentes, mas muitas vezes são. Às vezes, é possível extrair uma causa ou agente vagamente do contexto, mas mesmo assim pode ser sentida uma diferença de um passivo genuíno, pois o sujeito ainda pode parecer ser o iniciador, bem como a entidade afetada.

O fato de muitos reflexivos mediais poderem ser substituídos, sem grandes prejuízos de sentido, por uma passiva faz com que Adams (2013, p. 678-9) questione se, já no latim, ao menos em socioletos mais baixos, já poderíamos admitir a existência do “*se* apassivador”, que mais tarde se tornará comum a todas as línguas românicas. Nesse sentido, o autor sugere que o reflexivo passivo nas línguas românicas teria surgido do reflexivo

latino com sujeito inanimado, ou personificado, como no seguinte exemplo de Cícero:

(2) *valvae se ipsae aperuerunt* (Cic. *Div.* 1, 74) ‘as portas se abriram’.

Aproveitando este último exemplo, cabe introduzir aqui mais uma categoria de verbos lembrada tanto por Siewierska (1984) quanto por Cennamo (1998): os anticausativos. Por exemplo, em português brasileiro, é comum encontrarmos tanto sentenças como *João abriu a porta* quanto sentenças como *A porta abriu*. No segundo caso, temos um verbo anticausativo: “quando um verbo intransitivo é derivado de um verbo basicamente transitivo com o P[aciente] do verbo transitivo correspondendo ao S[ujeito] do intransitivo” (CENNAMO, 1998, p. 80). Ocorre que Cennamo (1998, p. 83) estende o termo “anticausativo” para cobrir certos tipos de estruturas reflexivas no latim: “o padrão reflexivo já era usado com sujeitos inanimados no latim arcaico, quando nenhuma personificação estava implícita, para marcar os anticausativos.” Cennamo (1998, p. 81) cita um exemplo de Plauto:

(3) *eaepesae se patinae fervefaciunt ilico* (Pl. *Pseud.* 831-3) ‘as panelas esquentam na mesma hora’ – considerando, na tradução, “esquentar” como verbo anticausativo.

Então, até aqui, temos os seguintes elementos: (1) a frequência da passiva sintética, tanto no período arcaico quanto nos períodos clássico e tardio, era quase nula em textos não literários e até mesmo em textos literários de caráter coloquial; (2) verbos de voz média podiam ser expressos em latim tanto pela passiva quanto por construções reflexivas, mas, dado o virtual desaparecimento da passiva sintética, as construções reflexivas ocuparam essa função; (3) eventualmente os reflexivos, ainda em latim, podiam ser substituídos por construções passivas, o que sugere que, já em latim, existia o *se* apassivador; (4) outra função assumida pelos reflexivos em latim é a função anticausativa, quando a causa da ação não é óbvia, e o paciente que sofre a ação figura como sujeito sintático.

Assim, teríamos – virtualmente – três funções ocupadas pelo reflexivo em latim, que se expande em variação com a passiva sintética: as funções média, passiva e anticausativa. A fim de confirmar a ocorrência dessas funções e tentar entender o que condicionava os usos da construção reflexiva, vamos analisar a tese que Cennamo (1998) propõe, à luz dos dados trazidos por Adams (2013) e outros autores.

2.2. A tese de Cennamo (1998)

Cennamo (1998, p. 88-9) sugere que a evolução do reflexivo em latim se deu na seguinte direção: em um primeiro momento, exerce apenas a função de voz média; posteriormente, passa a assumir também a função anticausativa, quando o sujeito é inanimado e não há personificação (já que a personificação de uma entidade inanimada abre a possibilidade para a interpretação de voz média); por fim, os usos anticausativos dão ensejo para surgimento do *se* apassivador. Nas palavras de Cennamo (1998, p. 89), esta última etapa ocorre pelos seguintes motivos:

A função passiva do padrão reflexivo pode ser considerada como resultante da propagação do padrão *se* + ativo para verbos que denotam situações que não podem ocorrer espontaneamente, mas que necessariamente implicam um Causador humano, e que, portanto, não ocorria no padrão anticausativo no latim arcaico e clássico [...]. Essas formas, entretanto, devem ter sido sentidas como vulgares. (CENNAMO, 1998, p. 89)

Para ilustrar a tese de Cennamo, cabe retomar o exemplo 3 apresentado anteriormente. Em seu entendimento, num momento remoto, uma construção como *se patinae fervefaciunt* só podia ser entendida como voz média, presumindo a personificação do sujeito: ‘as panelas [entendidas como pessoas] se fervem a si mesmas’; em um segundo momento, por volta da época de Plauto, já não há necessidade de que o sujeito seja personificado para uma construção como essa fazer sentido, pois então a função anticausativa já está em vigor: ‘as panelas fervem’ [e não há uma causa óbvia]; num terceiro momento, presume-se um causador humano para aquele evento que não tinha causa óbvia, e então o *se* é reanalisado como índice de voz passiva: ‘a panelas se fervem/são fervidas [por alguém]’.

Ela entende que o *se* anticausativo surge no latim vulgar, mas só entra no latim literário tardiamente. Seu argumento para isso são os seguintes fatos: no latim antigo, a exemplo de textos coloquiais como os de Plauto, já era possível observar o reflexivo anticausativo, mas no latim literário do período clássico só se observavam construções com personificação do sujeito (presumivelmente de voz média); no latim imperial e no latim tardio, o uso do padrão reflexivo para marcar os anticausativos aumenta, de modo que, no final do século IV, “praticamente todos os verbos podem marcar os anticausativos por meio do padrão reflexivo” (CENNAMO, 1998, p. 88). Adicionalmente, nesse momento, a construção reflexiva também assume funções passivas.

Adams (2013, p. 684) admite que a ideia de que o reflexivo passivo surge de uma reanálise do anticausativo seja plausível e possa captar a

natureza do seu desenvolvimento, mas entende que a tese geral de Cennamo carece de evidências e não se sustenta. Sua crítica se apoia no fato de que os exemplos de Cennamo são enviesados a fim de favorecer suas interpretações. Por exemplo, uma das ocorrências citadas por Cennamo (1998, p. 89) para provar que no século IV a construção reflexiva assume função passiva vem da *Mulomedicina Chironis*:

(4) *stercora si se ... provocaverint (Mul. Chir. 230)* ‘o excremento, se for expulso...’ – conforme a interpretação de Cennamo.

A passagem completa, porém, é a seguinte:

(5) *stercora si se post ex aggrauatione stercoris provocauerint, scias eum cito refrigeraturum (Mul. Chir. 230)* ‘se, depois, o excremento se expelir/for expulso pelo peso das fezes, saiba que [o animal] se recuperará rapidamente’.

Ao analisar o contexto, Adams (2013, p. 683), discordando de Cennamo, defende que, ali, a expulsão do excremento ocorre espontaneamente, sendo induzida apenas pelo acúmulo de fezes. Segundo ele, este exemplo não difere de muitos outros, tanto no latim clássico quanto no tardio, em que uma entidade inanimada se coloca como sujeito de uma construção reflexiva expressando um processo espontâneo, que pode ter uma causa natural, mas não um agente típico de voz passiva.

Outra citação supostamente enviesada de Cennamo é o exemplo 3, de Plauto, que apresentamos anteriormente. Cennamo (1998, p. 83) o apresenta como sendo um uso anticausativo do reflexivo, “quando nenhuma personificação estava implícita”. Adams (2013, p. 688), porém, discorda, argumentando que, naquele momento da peça, não só as panelas, mas vários elementos culinários são personificados para gerar humor. Por exemplo, em dado momento o cozinheiro diz que “o cheiro voa com os pés pendurados”: *odor uolat ... dimissis pedibus (Pl. Pseud. 841-44)*. Mais cedo na mesma cena (*Pl. Pseud. 817*), a personagem personifica um ingrediente, a mostarda, chamando-a de bandida, tal como ele mesmo era chamado.

Plauto era muito dado à personificação, como mostra Stockert (1983, p. 200). Além disso, assim como ele personifica uma panela no exemplo em questão, há outros casos de personificação de implementos, como a de uma espada em *Miles Gloriosus* (5-8) ou a de uma faca, na mesma peça (*Mil. 1398*). Em outra peça de Plauto, ferrolhos são personificados, admitindo o uso do reflexivo medial:

(6) *hoc vide ut dormiunt pessuli pessumi | nec mea gratia commouent se ocius* (Pl. *Curc.* 153-4) ‘veja como aqueles ferrolhos malditos dormem, e não se movem mais rápido por minha causa’.

A personificação dos ferrolhos é óbvia em *dormiunt*. Da mesma forma, na seguinte passagem da *Aulularia*, diversos males se aglutinam em torno à desgraça do protagonista, tal como pessoas que se “grudam” em alguém.

(7) *ita mihi ad malum malae res plurimae se adglutinant* (Pl. *Aul.* 801) ‘assim, inúmeros males se aglutinam em torno à minha desgraça’.

Ao que parece, portanto, não é possível afirmar que o reflexivo medial com coisas personificadas já estivesse evoluindo de maneira sistemática para usos anticausativos ou passivos. No entanto, claramente o reflexivo medial estava em uso, e aparentemente esse uso era favorecido quando envolvia a personificação de coisas. Vejamos, então, mais de perto como esse uso ocorria e quais eram suas nuances.

2.3. O reflexivo medial com coisas personificadas no período clássico

Se, por um lado, essas generalizações de Cennamo – de que no latim arcaico o reflexivo já era anticausativo em textos coloquiais e de que no latim tardio sua reanálise como voz passiva já estava em vigor – parecem ser inválidas, por outro lado, a afirmação de que no latim literário do período clássico é frequente o uso de reflexivo medial com coisas personificadas parece se confirmar. Um exemplo muito comum, que ocorre em Virgílio, César, Sêneca, Plínio, Vitruvius, entre outros, é a personificação de rios e marés:

(8) *et caput unde altus primum se erumpit Enipeus, unde pater Tiberinus* (Verg. *Georg.* 4.368) ‘e aquela fonte de onde primeiro o profundo Enipeu se lançou para a luz, de onde [se lançou] o pai Tiber’.

(9) *gemerentque repleti amnes, nec reperire viam atque evolvere posset in mare se Xanthus* (Verg. *Aen.* 5.807-8) ‘até que as correntes fossem sufocadas [com os mortos], e Xanthus mal pudesse encontrar seu caminho e se lançar para o mar’.

(10) *cum ex alto se aestus incitauisset* (Caes. *Gall.* 3.12.1) ‘quando a maré se erguia do oceano principal’.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

(11) *quo maior uis aquae se incitauisset* (Caes. Gall. 4.17.7) ‘à medida que a maior massa de água se chocava [contra a ponte]’.

(12) *olim ad hoc maria se exercent* (Sen. Nat. 3.30.1) ‘uma vez que o mar se esforça para chegar lá’.

(13) *ubi Nilus praecipitans se fragore auditum accolis aufert* (Plin. Nat. 6.181) ‘onde o Nilo, precipitando-se com fragor, tira a audição dos habitantes’.

(14) *ab hisque paludibus se circumagens per flumina Astansobam et Astoboam et alia plura pervenit per montes ad cataractam ab eoque se praecipitans per septentrionalem pervenit* (Vitr. 8.2.6) ‘e dos terrenos pantanosos de lá, ele se bifurca contornando os rios Astansoba e Astoboa e muitos outros, passa pelas montanhas até a Catarata, e de lá se precipita e passa para o norte’.

Outras duas entidades frequentemente personificadas, favorecendo assim o reflexivo medial, são a lua e o vento, o que é bastante natural, já que, assim como os rios, estes seres eram considerados deuses:

(15) *qua se plena... fundebat luna* (Verg. Aen. 3.151-2) ‘na qual a lua cheia se derramava’.

(16) *neque se luna quoquam mutat* (Pl. Amph. 274) ‘nem a Lua se move para qualquer lugar’.

(17) *centesima reuolvente se luna* (Plin. Nat. 18.217) ‘quando a lua se vira pela centésima vez’.

(18) *quemadmodum soli luna se opponat* (Sen. Nat. 1.12.1) ‘de forma que a lua se oponha ao sol’.

(19) *Auster... in Africum se vertit* (Caes. Civ. 3.26.5) ‘o [vento] Austero se volta para a África’.

Um exemplo menos intuitivo se encontra também na Eneida, quando Virgílio faz referência ao caminho para o submundo:

(20) *partis ubi se uia findit in ambas* (Verg. Aen. 6.540) ‘onde o caminho se divide em dois’.

De certa forma, este último exemplo pertence à categoria de descrições geográficas. Como observa Adams (2013)

A construção reflexiva é comum nas descrições de paisagem natural, assim como é usada para eventos ou processos naturais. Montanhas se erguem

sozinhas, baías se contorcem e assim por diante. Se o vapor ‘se eleva’ ou um litoral ‘se curva’ não há nenhum agente óbvio que cause os fenômenos, que são ‘naturais’. O reflexivo dá ao traço/evento específico um poder ou característica conferida vagamente pela natureza. (ADAMS, 2013, p. 688)

Tendo isso em mente, vejamos os seguintes exemplos:

(21) *hinc [silva Hercynia] se flectit sinistrorsus* (Caes. Gall. 6.25.3) ‘ali [a floresta Hercínia] se curva para a esquerda’.

(22) *paulatim deinde laxare semet sinus montium ... coeperant* (Curtius 3.9.12) ‘então, aos poucos os seios dos montes tinham começado a se abrir’.

(23) *attollente se contra medios visus terrarum globo* (Plin. Nat. 2.177) ‘o globo se erguendo contra as vistas centrais das terras’.

(24) *est ergo folio maxime querno adsimulata, multo proceritate amplior quam latitudine, in laevam se flectens cacumine et Amazonicae figura desinens parmae* (Plin. Nat. 3.43) ‘é, portanto, acima de tudo em comparação com uma folha de carvalho, muito mais larga em comprimento do que em largura, dobrando-se para a esquerda no topo e terminando em forma de escudo de amazona’.

Em Virgílio, também encontramos reflexivos com sujeitos inanimados em referência a transformações forjadas por magia:

(25) *uix ea fatus erat cum circumfusa repente scindit se nubes* (Verg. Aen. 1.586) ‘mal ele tinha falado aquelas coisas, e de repente aquela nuvem circundante se fendeu’.

(26) *fusaque in obscenum se vertere vina cruorem* (Verg. Aen. 4.455) ‘o vinho derramado se converteu em sangue pútrido’.

Até aqui, nesses exemplos literários apresentados, temos típicos casos de reflexivo medial com o sujeito personificado. O sujeito é assumido como iniciador e ponto final da ação, e ela tem pouca elaboração de eventos. O próximo exemplo, porém, não é tão obviamente medial quanto os anteriores:

(27) *hic undique clamor dissensu uario magnus se tollit in auras* (Verg. Aen. 11.455) ‘por toda parte, um grande clamor se ergue no ar, numa dissonância variada’.

Normalmente encontramos expressões como *clamores tollunt*, com *clamores* no acusativo, presumindo um agente humano aí como sujeito, como no seguinte exemplo de Cícero:

(28) *intuentem te, admirantem, clamores tollentem cum uideo* (Cic. *Parad.* 37) ‘te olhando, admirando, erguendo clamores quando te vejo’.

Também é possível encontrar esse tipo de expressão numa construção passiva, com um agente humano implicado, como nessas passagens de Ênio e Tito Lívio:

(29) *tollitur in caelum clamor exortus utrimque* (Enn. *Ann.* 428) ‘é erguido no céu um clamor emanado de ambos os lados’.

(30) *signa canunt et tollitur clamor* (Liv. 25.39.3) ‘os sinos cantam e é erguido um clamor’.

Virgílio, portanto, efetuou uma ousada personificação do clamor, poeticamente conveniente, mas Adams observa que há ambiguidade na construção do poeta. Como ele defende,

[...] em teoria, a frase poderia ter sido interpretada como um reflexivo passivo, com agente humano implícito (o clamor se ergue/é erguido do/pelo agente humano). A ambiguidade não surge enquanto a personificação é sentida, e a personificação seria sentida por um leitor de poesia épica. O potencial para ambiguidade é, no entanto, significativo. Foi através do esmaecimento da personificação ou metáfora que a interpretação passiva do reflexivo tornou-se possível. (ADAMS, 2013, p. 688)

Em Catão, Varro, Cícero e outros há casos que se referem a eventos espontâneos que manifestam as forças da natureza. Os seguintes exemplos referem-se a mudanças naturais sofridas pelas plantas:

(31) *brassica [...] omnia ad salutem temperat commutatque sese semper* (Cato *Agr.* 157.1) ‘o repolho tem todas as virtudes necessárias para a saúde e se transforma constantemente’.

(32) *alia enim, quae manere non possunt, antequam se commutent, ut celeriter promas ac vendas* (Varro *Rust.* 1.69.1) ‘outras, que não podem perdurar, debes colher e vender rapidamente antes que passem do ponto [lit. que se mudem]’.

As mudanças espontâneas sofridas pela vida vegetal ensejam constantemente o uso da construção reflexiva, e não é necessário recorrer ao latim tardio para obter paralelos. Catulo usa um reflexivo para se referir ao crescimento de uma videira:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

(33) *ut uidua in nudo uitis quae nascitur aruo, | numquam se extol-
lit* (Cat. 62,50) ‘como uma videira solteira que cresce em um campo nu,
nunca se eleva’.

Em Plínio, também abundam exemplos de reflexivos expressando
mudanças naturais. Eis alguns deles:

(34) *densante se frondium germine* (Pl. Nat. 10.81) ‘com o germe
das folhas se adensando’.

(35) *nemorosa uertice et se uastis protegens ramis arborum instar*
(Pl. Nat. 12.9) ‘seu topo parece um bosque e se envolve de ramos do ta-
manho das árvores’.

(36) *cacumina in aristas se spargunt* (Pl. Nat. 12.42) ‘as pontas [da
folha de nardo] se dividem em espigas’.

O seguinte exemplo ciceroniano refere-se a um evento espontâneo
expressando novamente as forças da natureza, porém não mais relacionado
ao mundo vegetal:

(37) *paulum requiescet, dum se calor frangat* (Cic. De orat. I.265)
‘descansa um pouco, enquanto o calor se dispersa’.

A mesma expressão está em Varro:

(38) *neque antequam calores aut frigora se fregerunt* (Var. Rust.
2.2.18) ‘não até que o calor ou o frio se disperse’.

Ainda no campo dos eventos naturais, encontramos também passa-
gens nas quais há referências a condições que afetam o corpo espontanea-
mente, como esta de Cícero:

(39) *strumae denique ab ore improbo demigrarunt et aliis iam se
locis conlocarunt* (Cic. Vat. 39) ‘afinal, as escrófulas migraram de sua face
maligna e se alocaram em outros lugares’.

Em textos médicos ou veterinários, encontramos passagens seme-
lhantes em referência ao suor:

(40) *etiam cum sudor se remisit* (Cel. Med.1.3.6) ‘mesmo quando
o suor se dispersa’.

(41) *hic humor sudoris in uentrem se desidet inter intestina et uen-
tris compaginem* (Mul. Quir. 220) ‘o líquido do suor que escorre para o
ventre se assenta entre o intestino e a junção do ventre’.

Todas essas nuances do uso do reflexivo medial no latim clássico parecem endossar a tese de Kemmer (1993, p. 19), segundo a qual os contextos favoráveis à voz média estão ligados a: movimento não translacional (e.g. a lua que se vira), processos ocorridos no corpo (e.g. o suor que se dispersa), mudança na postura corporal (e.g. a maré personificada que se ergue), movimento translacional (e.g. o rio que se lança para o mar), emoção (e.g. o clamor que se ergue) e eventos espontâneos (e.g. o frio ou o calor que se dispersam, mas de certa forma incluem todos os eventos naturais descritos).

Aparentemente, se o reflexivo medial não ameaçou a passiva sintética medial na concorrência para a expressão da voz média, ao menos ele ganhou terreno no campo das coisas personificadas e ali ocupou todos os contextos semânticos possíveis.

3. Conclusões

Após revisão bibliográfica e exame dos dados levantados, organizamos nossas conclusões em cinco pontos.

Em primeiro lugar, considerando em especial a pesquisa de Adams (2013, p. 674-724), apoiada em ampla base empírica, não é possível afirmar categoricamente que existia no tempo de Sêneca uma tendência de substituir o médio-passivo pelo reflexivo medial, pois Adams conclui que antes do período arcaico as duas construções já existiam e continuam existindo no tempo de Sêneca, sendo a primeira a comum e geral, e não há dados concretos que permitam afirmar a existência dessa tendência naquele momento, senão que as duas possibilidades já existiam havia muito tempo no latim e a primeira era a norma geral. Considerando que posteriormente, a passiva sintética medial vai desaparecer e o reflexivo medial vai se expandir, supomos que essa substituição estava em curso por séculos e estava avançada no primeiro século, mas a tentativa de afirmar essa suposição como um fato não pode ser endossada diante das evidências disponíveis.

Em segundo lugar, apesar de não haver dados para confirmar a tendência em questão, é possível afirmar que a baixa frequência da passiva sintética e a restrição de seu uso a um registro culto, típico de uma fala “planejada”, podem ter contribuído para sua extinção, e nesse caso o reflexivo passivo (ou *se* apassivador) teria emergido como uma alternativa.

Em terceiro lugar, vale destacar a existência de três funções distintas do reflexivo em latim: o reflexivo medial, o reflexivo anticausativo e o reflexivo passivo.

O quarto ponto digno de destaque é que a tese de Cennamo (1998, p. 88) – de que houve uma evolução *se* medial > anticausativo > passivo não se sustenta a partir da base empírica disponível, embora seja plausível em termos lógicos.

Por fim, o quinto ponto – que julgo particularmente importante para se entender o surgimento e comportamento da voz média de forma geral, em quaisquer línguas – é que os contextos semânticos tipicamente favoráveis ao reflexivo medial identificados por Kemmer (1993, p. 19) parecem se aplicar ao latim: movimento não translacional, processos no corpo, mudança na postura corporal, movimento translacional, emoção e eventos espontâneos.

Como dissemos antes, se aparentemente o reflexivo medial não ameaçou a passiva sintética medial na concorrência para a expressão da voz média, ao menos ele ganhou terreno no campo das coisas personificadas e ali ocupou todos os contextos semânticos possíveis. Isso faz sentido, a propósito, se pensamos no caso de Sêneca, que tomou o “eu” como um objeto. Sendo assim, se o latim já naquele tempo favorecia o reflexivo medial para coisas, faz sentido que Sêneca tenha usado essa possibilidade para tratar da agência dessa coisa chamada “eu” sobre si mesma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, J. N. *Social variation and the Latin language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

CENAMO, M. The loss of the voice dimension between late Latin and early Romance. In: SCHMID, M.S.; AUSTIN, J.R.; STEIN, D. (Eds). *Historical Linguistics 1997: Selected Papers from the 13th International Conference on Historical Linguistics, Düsseldorf, 10-17 August 1997*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1998. p. 77-100

KEMMER, S. *The Middle Voice*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1993.

QUERIQUELLI, Luiz Henrique. *Fundamentos latinos do português brasileiro*. Curitiba: Appris, 2019.

SIEWIERSKA, A. *The Passive: A Comparative Linguistic Analysis*. London, Sydney and Wolfeboro, New Hampshire: Croom Helm, 1984.

STOCKERT, W. T. *Maccius Plautus: Aulularia*. Stuttgart: Teubner Verlag, 1983.

TRAINA, Alfonso. *Lo stile drammatico del filosofo Seneca*. Bologna: Pàtron Editores, 1974.